

O sentido da morte em Blaise Pascal

Andrei Venturini Martins*

RESUMO:

Qual é o sentido da morte para Blaise Pascal? Saber o sentido implica conhecer o significado da morte, sua relevância e as consequências comportamentais do conhecimento desta ideia. Para este estudo, nosso objeto será alguns fragmentos da obra *Pensées* (136, 434, 308, 933 e 418) e *Écrits sur la grace*. Sustentamos que o sentido da morte para Pascal não é unívoco, mas plural, já que em cada texto a morte assume um sentido. Nosso objetivo será mostrar a abrangência do sentido da morte no autor francês, destacando o sentido da morte na teoria do pecado original, na psicologia profunda do divertissement, frente à certeza da dissolução iminente, para os homens representantes das três ordens de coisas (corpo, da razão e do coração) e, por fim, no fragmento da Apostata.

Palavras-chave: Morte. Divertissement. Apostata.

ABSTRACT:

What is the meaning of death for Blaise Pascal? Knowing the meaning entails knowing the meaning of death, its relevance and the behavioral consequences of having knowledge of this idea. For this study, our object will be some fragments of the *Pensées* work (136, 434, 308, 933 and 418) and *Écrits sur la grace*. We argue that the meaning of death for Pascal is not univocal but plural, as in each text, death takes a different sense. Our goal will be showing the scope of the meaning of death for the French author, highlighting the sense of death in the theory of the original sin, the deep psychology of the divertissement, against the certainty of imminent dissolution, for representatives of the three orders of things (the flesh, the spirit and the will) and, finally, the fragment of 'Pascal's Wager'.

Keywords: Death. Divertissement. Pascal's Wager.

“Os médicos não te curarão, pois morrerás ao fim”.¹

O sentido da morte sempre foi um enigma para o pensamento humano. A morte não é marginalizada na história da filosofia. A atividade reflexiva filosófica, por atentar acerca do modo de vida,² incorpora a consciência da finitude como um dos pontos centrais da reflexão sobre a existência. O homem não só morre, mas sabe que morre: um pensador não permanece apático diante de tal ideia. É justo refletir sobre nossa natureza finita. Na obra *Fédon*, por exemplo, Platão ressalta: “Receio porém, que, quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e estar morto.”³ A preparação para morte é o principal objetivo da atividade filosófica. Ainda nesta linha, Montaigne, filósofo do século XVI, grande sistematizador do saber antigo, cita Cícero: “Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão se preparar para a morte”.⁴ Esta preparação pautada pela filosofia também é considerada por Sêneca: “Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer”.⁵ Já os medievais trataram de questões existenciais não só concernentes à vida e à morte: mencionavam problemas relacionados à vida eterna e à morte eterna. Por fim, os modernos e, dentre estes, Blaise Pascal retoma o termo em meio a uma *Apologia da Religião Cristã* ou, como ficou conhecido, nos *Pensamentos*. Será neste autor que focaremos, em nossa pesquisa. Assim, buscaremos responder a seguinte questão: Qual é o sentido da morte para Blaise Pascal? Saber o sentido implica conhecer o significado da morte, sua relevância e as consequências comportamentais do conhecimento desta ideia. Para este estudo, nosso objeto será alguns fragmentos da obra *Pensées* (136, 434, 308, 933 e 418) e *Écrits sur la grace*. Sustentamos que o sentido da morte para Pascal não é unívoco, mas plural, já que em cada texto a morte assume um sentido. Nosso

1 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 919, Bru. 553.

2 Sobre a relação entre a filosofia e modo de vida ver HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?* 2ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

3 PLATÃO. *Fédon*. 64a. Ver também Maria Cecília I. Gomes dos REIS. A morte e o sentido da vida em certos mitos gregos antigos In: Marcos Freury de OLIVEIRA & Marcos H. P. CALLIA (orgs). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus.

4 MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. I, XX.

5 SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*, VII, 3-4.

objetivo será mostrar a abrangência do sentido da morte, destacando-o na teoria do pecado original, na psicologia profunda do *divertissement*, frente a certeza da dissolução iminente, para os homens representantes das três ordens de coisas (do corpo, da razão e do coração) e, por fim, no fragmento da *Aposta*.

1. A morte e o Pecado Original

O Pecado Original será o ponto de partida de nossa investigação. Poderíamos dizer que a causa da morte, a explicação que justifica o porquê dos homens morrerem, é teológica. Nos *Écrits sur la grace*, a morte é uma das consequências do pecado. É uma realidade que marca o estado de natureza do homem depois da Queda adâmica. “Adão tendo pecado e sendo tornado digno de morte eterna,/ por punição à sua rebelião [...]”.⁶ O preço do pecado foi a morte. A finitude é a manifestação da criatura abandonada por Deus desfigurando-se no tempo. A temporalidade concede ao homem uma ligação tênue com a efemeridade e a contingência. O homem, imagem e semelhança de Deus, depois do pecado de Adão, assume a dessemelhança e corrompe-se pelo seu amor-próprio, raiz de todos os vícios e de todos os males. O amor-próprio descreve uma criatura capaz de adorar a si mesma e fazer de si um Deus. Fazer de si um Deus é repetir a Queda e deixar-se ludibriar pela promessa da serpente: “Não, vossa morte não está marcada. É que Deus sabe que no dia em que dele comerdes (fruto proibido), vossos olhos se abrirão e sereis como deuses [...]”.⁷ Desta maneira, sendo a morte uma consequência do pecado, o homem buscará o sentido da existência em um mundo corrompido. Jean Mesnard, um dos comentadores da tradição pascaliana, defende que a Queda é chave de leitura da existência humana no tempo: “Da análise do homem Pascal constrói progressivamente a explicação teológica, fornecida pelo dogma da queda e do pecado original, mistério incompreensível, mas que permite compreender a realidade.”⁸ Pascal

6 PASCAL, Blaise. *Écrits sur la grace*, p. 317.

7 Gn 3, 4-5. BÍBLIA. Português. *Bíblia: Tradução Ecumênica (TEB)*. Edições Loyola: 1994. (grifo nosso).

8 Jean MESNARD, *Les Pensées de Pascal*. Paris: Ed. Sedes, 1993, p. 155. Ver também a importância do pecado original em *Essai sur la signification des Écrits*. In: Blaise PASCAL. *Ouvres complètes*. Edição de Jean Mesnard. Paris :DDB, 1991, v. III, p. 593 – 641.

parte de uma visão empírica do homem – o homem é um ser que morre – para legitimar a explicação teológica. A morte é um dado empírico da condição humana de criatura contingente, de modo que o pecado adâmico é causa explicativa da condição humana depois da queda.

A ligação entre morte e pecado original, delineada por Pascal e enfatizada por Mesnard, concede luz à nossa hipótese, pois sendo a morte consequência do pecado, o estado de natureza maculado é permeado pelo mal que é transmitido de maneira atávica a toda criatura. Por este motivo, temos um novo estado de natureza, no qual todo homem terá de enfrentar a morte como condenação do pecado. Portanto, podemos dizer que este primeiro sentido da morte é teológico: a morte é uma condenação do pecado de Adão, sendo transmitida a toda a natureza humana atavicamente.

Mas quais seriam os meios pelos quais nos esquivaríamos da morte? Tentaremos responder essa questão analisando um tema capital do universo pascaliano: o *divertissement*.

2. A morte e o *divertissement*: fragmento 136

O tema do *divertissement* mostra-se presente em diversos comentadores.⁹ Longe de analisar minuciosamente este tema recorrente na tradição pascaliana, nosso propósito é relacioná-lo com a morte. O *divertissement* funcionaria como uma maneira de esquivar-se à condição humana finita e temporal, de modo que a morte, manifestação clara da contingência existencial, é recalcada como um mal que o homem não pode conhecer: “A morte é mais fácil de suportar sem pensar nela [...]”¹⁰ O homem entrega-se ao *divertissement* para desviar-se de sua condição de ser mortal e finito. A morte, como realidade incurável, poderia ser “vencida” ao ser esquecida. O homem prefere esquivar-se de sua condição entregando-se a um sem número de atividades: perigos, guerras, ações ousadas, desavenças, paixões, caça, dança, etc. “[...] toda a infelicidade

9 Citaremos dois: PONDÉ, Luiz Felipe. *O Homem insuficiente*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 225-253 e MESNARD, Jean. *Les Pensées de Pascal*. Paris: Ed. Sedes, 1993, p. 220-227.

10 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 138, Bru. 166.

dos homens provêm de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto.”¹¹. Ficar em um quarto fechado sem nenhuma forma de entretenimento, sem *divertissement*, pensando em si e na própria condição, é condenar-se ao tédio (*ennüi*), ou seja, uma tristeza profunda que faria o homem secar. O tédio é a manifestação da morte em vida: a sensação de um torpor insustentável e angustiante. Para não enfrentar tal estado que a condição de ser finito e mortal impõe aos homens, Pascal ressalta: “Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso.” Desviando seu pensamento de si, esquecendo de sua condição finita, busca-se um ilusório repouso feliz nas atividades do *divertissement*. “Assim se escoia toda a vida; procura-se o repouso combatendo alguns obstáculos e, se eles forem superados, o repouso se torna insuportável pelo tédio que gera”.¹² A ilusão de que a posse de um objeto tornaria a vida feliz e tranquila é a armadilha que Pascal quer nos mostrar. Não é a posse que nos desvia da morte, mas o movimento contínuo em direção à posse. Aquele que possui o que desejou estaria fora do *divertissement* e muito próximo do tédio: “Faz-se necessário sair e mendigar o tumulto”.¹³ Para ilustrar esta ideia, vejamos este exemplo: “Esta lebre não nos garantiria contra a visão da morte e das misérias que nos desviam dela, mas a caça sim, nos garante”.¹⁴ A posse não blinda a consciência humana da morte, mas o movimento poderia realizar esta tarefa: o *divertissement* só é eficaz quando é capaz de enganar o homem de sua precariedade futura.

No fragmento 133¹⁵, a morte é ilustrada como uma realidade futura incurável, o que poderia acarretar em uma grande tristeza para o homem. “Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso”.¹⁶ Eis um aspecto importante para entender a psicologia do *divertissement*: divertir-se é desviar-se da finitude. “Daí vem que os homens gostem tanto do barulho e

11 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

12 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

13 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

14 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

15 Ibid., Laf. 133, Bru. 169.

16 Ibid., Laf. 133, Bru. 169.

do movimento. Daí vem que a prisão seja um suplício tão horrível [...]”¹⁷ A diversão é o que consola os homens de suas misérias, impedindo o homem de pensar em si, em sua condição finita e mortal: “Sem ela (a diversão) ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte.”¹⁸ O *divertissement* possuiria um poder letárgico. Portanto, podemos dizer que o segundo sentido da morte é psicológico: a morte está vinculada ao tédio, ao torpor, ao repouso, à dissolução de sentido, à angústia, em suma a tudo aquilo que o homem deseja recalcar. Mas se o *divertissement* falhar, como reagirmos frente a certeza da morte iminente?

3. Morte e resignação: fragmento 434

No fragmento 434¹⁹, Pascal aguça nossa imaginação ao descrever uma imagem trágica:

Imagine-se certo número de homens em grilhões, todos condenados à morte, sendo que alguns são degolados a cada dia na presença dos outros; aqueles que ficam vêem a sua própria condição na de seus semelhantes e, olhando-se uns aos outros na dor e sem esperança, esperam a sua vez. Essa é a imagem da condição dos homens. (SIC)

Esta é a imagem da consciência da morte, da condenação derradeira, do destino certo e inevitável. A cada momento, um destes homens é degolado na frente de todos os outros prisioneiros. A cena é cheia de dor e sem esperança. Mas o que estes condenados poderiam fazer? Nada! Simplesmente esperam a sua vez. Pascal termina o fragmento afirmando que essa “é a imagem da condição dos homens”, ou seja, veem seus semelhantes morrerem, sabem que esse é seu futuro iminente, contudo, não há nada a se fazer. O fragmento 165 também parece sugestivo: “O último ato é sempre sangrento, por mais bela que seja a comédia em todo resto. Lança-se finalmente terra sobre a cabeça e aí está para sempre.”²⁰ O pensador francês não esconde a visão da morte como a etapa derradeira e inevitável de cada homem.

¹⁷ Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

¹⁸ Ibid., Laf. 414, Bru. 171. (*grifo nosso*).

¹⁹ PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 434, Bru. 199).

²⁰ Ibid., Laf. 165, Bru. 183.

Portanto, a partir destes três fragmentos, podemos dizer que o sentido da morte é existencial, já que estar vivo implica um vínculo necessário com a finitude. Ciente da morte, cabe ao homem resignar-se, pois não há nenhum recurso salvífico. Mesmo a religião cristã, que sustenta uma eternidade possível, destaca que, para adquiri-la, é preciso passar pelo fim derradeiro. No entanto, os homens são uniformes, de modo que cada homem reage a sua maneira diante da finitude. Será analisando o tema das três ordens de coisas que poderemos conhecer as três categorias de homens concebidas por Pascal e o modo pelo qual os representantes de cada ordem enfrentam a morte.

4. A morte e as três ordens de coisas: fragmento 308 e 933

Nos fragmentos 308 e 933 encontramos a exposição que Pascal faz das chamadas três ordens de coisas.²¹ Quais são estas ordens? Assim diz Pascal: “A distância infinita entre os corpos e os espíritos figura a distância infinitamente mais infinita entre os espíritos e a caridade, porque esta é sobrenatural.”²² A primeira ordem é a ordem da carne. Os homens desta ordem buscam a riqueza, o poder e a força: trata-se de uma ordem política. A segunda ordem é a ordem do espírito. Seus representantes são os homens da ciência. No fragmento 308, Pascal destaca o matemático Arquimedes como símbolo desta ordem. O interesse dos homens da ordem do espírito são diferentes daqueles da ordem da carne: “Os grandes gênios têm o seu império, o seu brilho, a sua grandeza, a sua vitória e seu lustre, e não têm nenhuma necessidade das grandezas carnis com as quais não têm relação. Eles são vistos, não com os olhos, mas com o espírito. Isto basta.”²³ Assim, a grandeza dos homens de segunda ordem está na força, na razão, e a habilidade deles está na atividade racional compenetrada. Enfim, a terceira ordem é a ordem da caritas, do amor de Deus: poderíamos chamá-la de ordem do

21 Ver o comentário de Jean MESNARD, Jean. Thème des trois ordres dans l’organisation des Pensées. In: HELLER, Lane M. & RICHMOND, Ian M. (orgs). *Pascal – Thématique des Pensées*. Paris: J. Vrin, 1998, p. 29 – 55.

22 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 308, Bru. 793.

23 Ibid., Laf. 308, Bru. 793.

coração²⁴. Jesus Cristo e os santos a representam. Os homens desta ordem têm o seu império, de modo que não há necessidade das grandezas tanto da carne como do espírito. Como disse Pascal em relação a esta ordem: “Deus lhes basta.”²⁵ Portanto, cada ordem, com suas respectivas características, compõe a antropologia pascaliana. Tal organização pode ser vista de duas formas.

Antes do pecado adâmico, a ordem do coração imperava, seguida da ordem do espírito e, por fim, a ordem da carne. Mas, com o pecado, tais ordens se arranjam de outra forma: predominância da ordem da carne, depois do espírito e, por fim, do coração. Desta maneira, o homem decaído é ganancioso pelos bens da carne, orgulhoso pelas conquistas do espírito, e seu coração, parte da alma que se relacionava com Deus, está, nos dizeres de Pascal, “[...] oco e cheio de lixo.”²⁶ Diante da antropologia pascaliana, introduziremos a morte neste sistema conceitual. Como cada representante das ordens concebe a morte?

Os homens da carne, tendo o corpo como seu principal bem, encaram a morte como o fim de seus reinados, de suas conquistas, de seus bens. Um rei que não se diverte inevitavelmente irá deparar-se com a finitude, com a morte, cedendo “[...] às circunstâncias que o ameaçam, revoltas que podem acontecer e finalmente a morte e as doenças que são inevitáveis [...]”²⁷ Os reis, os capitães e os ricos, impelidos pela lógica carnal, encaram a morte como o fim de suas conquistas, o desaparecimento de sua glória. A visão da morte sem divertimento os faz “infeliz[es], e mais infeliz[es] do que o menor de seus súditos que jogam e se divertem”.²⁸ Já os homens do espírito, obcecados pelo desejo de conhecer, concebem a morte como o fim de sua glória intelectual: não poderão mais se vangloriar, mostrando “[...] aos sábios que resolveram uma questão de

24 Diversos são os autores que analisaram o conceito de coração. Ver GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus, 2006, p. 85-111; GUILLAUMONT, Antoine. Les sens des noms du coeur dans l'antiquité. In: Swami Addev ANANDA et al. *Le coeur*. Bélgica: Société Saint Augustin. 1950, p. 41–81; MICHON, Hélène. *L'ordre du coeur: philosophie, théologie et mystique dans les Pensées de Pascal*. Paris: Editions Champion, 1996, 271-303; SELLIER, Philippe. *Pascal et Saint Augustin*. Paris: Albin Michel, 1995, p. 125-139.

25 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 308, Bru. 793.

26 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 139, Bru. 143.

27 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

28 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

álgebra cuja solução ainda não se tinha podido encontrar”.²⁹ Para os homens da terceira ordem, aquela do coração, a morte é o preço a ser pago pelo pecado, todavia, a morte não é o fim: “a grandeza da fé brilha bem mais quando tendemos à imortalidade pelas sombras da morte”.³⁰ A fé mostra sua grandeza quando mostra a sua potência, fazendo o homem acreditar que, mesmo certo da morte natural, há a possibilidade da eternidade sobrenatural. Além disso, a morte ainda representaria “o coroamento da beatitude da alma, e o começo da beatitude do corpo”.³¹ Beatitude é a felicidade eterna e imutável que o homem poderá desfrutar no paraíso celeste, contemplando Deus face a face. A morte é o coroamento da beatitude da alma porque a alma, sendo imortal, começará a desfrutar da imortalidade em toda sua plenitude somente depois da morte. O corpo, diferente da alma, é mortal, por esse motivo, com a morte, o homem é revestido por um novo corpo, diferente do primeiro: o corpo é beatífico, imortal e eterno. Assim, a fé re-significa o corpo e alma depois da morte, eternizando-os.

Portanto, podemos dizer que os três homens que compõem as três ordens de coisas concebem o sentido da morte de dois modos: aqueles da carne e do espírito, concebem a morte como um evento natural, já que não a enxergam além da força dos corpos e do limite do espírito; os homens da ordem do coração transcendem a natureza e a concebem de forma sobrenatural, de modo que a morte é marco da condenação divina, mas a porta de entrada para a salvação. Mas qual partido devemos tomar quando o sentido da morte está ligado a existência ou não de Deus?

5. Morte e Aposta: fragmento 418

O fragmento da Aposta³² é um diálogo travado com um libertino, ou seja, um pensador que não se submete a nenhuma doutrina religiosa ou padrões estabelecidos.

29 Ibid., Laf. 136, Bru. 139.

30 *Idem*, *Lettre a M. et Mme Perier; A Clermont: A l'occasion de la mort de M. Pascal le Père, décédé a Paris le 24 septembre 1651*, p. 278.

31 Ibid., p. 278.

32 PASCAL, Blaise. *Pensées*, Laf. 418, Bru. 233.

Pascal avalia matematicamente os ganhos e as perdas quando apostamos nossa vida finita para possivelmente ganharmos uma vida infinita.

Serei preciso jogar (pois estou na necessidade de jogar) e serei imprudentes, quando sou obrigado a jogar, de não arriscar minha vida para ganhar três em um jogo em que há igual possibilidade de perda e de ganho, mas há uma eternidade de vida e de felicidade.³³

Em um jogo em que somos obrigados a apostar, seria imprudente da nossa parte não apostar uma única vida para possivelmente ganharmos três. Se ganharmos, ganhamos três vidas, se perdermos, perderemos a única vida que inevitavelmente acabaria com a morte. Por este motivo, homem sensato apostaria sua vida para ganhar três, já que, caso perca a aposta, não perderá nada que já não fosse dissipar-se com a morte. Porém, se os números da aposta fossem outros, a imprudência em não apostar seria ainda maior: entre a vida que acabará necessariamente com a morte e a possibilidade de uma vida infinita, é imensamente vantajoso apostar na possibilidade de uma vida infinita. Se perdermos, não perderemos nada além do que já iríamos perder com a morte, se ganharmos, viveremos eternamente. Eis a lógica da aposta pascaliana: quando se tem duas ou mais vidas a ganhar é imprudente não apostar uma única vida finita e limitada, mas quando temos uma vida infinita a ganhar, a vantagem é incomensurável. Apostar uma vida única, recebendo em troca uma existência eterna e repleta de felicidade, é apostar o finito pela possibilidade do infinito. Toda vida finita torna-se um nada diante do infinito, assim como um ponto torna-se um nada diante de uma reta infinita.

Este raciocínio impulsiona o homem a apostar favoravelmente no possível infinito a ganhar. É neste sentido que o autor justifica a aposta na existência de Deus: tomar este partido é apostar uma vida mortal a fim de ganhar a eternidade. Não apostar na existência de Deus é permanecer com aquilo que já iríamos perder. Foi a primeira vez que um pensador entrecruza a filosofia e o cálculo das probabilidades.³⁴ Neste fragmento a morte funciona como um divisor de águas. A vida humana é marcada pela

³³ Ibid., Laf. 418, Bru. 233.

³⁴ Para uma análise do tema da aposta em Pascal ver Lucien GOLDMANN, Lucien. *El Hombre y lo Absoluto*, p. 373-398; THIROUIN, Laurent. *Le hasard et les règles, le modele du jeu dans la pensée de Pascal*, p. 130-147; MESNARD, Jean. *Les Pensées de Pascal*, p. 323-327.

mortalidade, pela dissolução, pela perda. Qualquer possibilidade de ganho para além daquilo que vamos perder já é vantajoso. O autor quer mostrar que a razão pode tomar partido daquilo que é mais lucrativo quando precisa apostar entre a existência ou não de Deus. Assim, há dois pontos a serem considerados: a existência de Deus como algo incerto, mas possível, e a morte como uma sentença certa. Apostar na existência de Deus é a única possibilidade obter a vida eterna, transpondo a finitude.³⁵

Portanto, podemos dizer que, no fragmento da *Aposta*, a morte possui um sentido moral, pois valoriza a escolha na existência de Deus que possibilitará a vida eterna e feliz.

6. Considerações finais

Vimos que o sentido da morte para Pascal é amplo e abrangente. A pluralidade de sentido pode ser sistematizada em seis categorias: teológica, sendo a morte uma condenação do pecado de Adão; psicológica, relacionando a morte como figura do tédio, do torpor, do repouso, da dissolução de sentido e da angústia; existencial, pois viver é o mesmo que carregar, necessariamente, um defunto; natural, que marca os homens das ordens da carne e do espírito; sobrenatural, que aponta para os homens da ordem do coração; por fim, moral, já que a certeza da finitude valoriza a aposta na existência de Deus.

Nosso artigo não tem como intuito esgotar os possíveis sentido da morte, no entanto, escolhemos alguns fragmentos importantes na obra do filósofo francês com o objetivo de explorar da forma mais ampla possível as categorias que definem o sentido da morte em Pascal. Vale lembrar que nos parece relevante investigar o sentido da morte na economia nos *Pensées* de Pascal, no entanto, tal empreendimento ficará para outra ocasião.

³⁵ Ao final do fragmento, Pascal ressalta que para apostar na existência de Deus é preciso de outro recurso: a fé. Como essa é dádiva de Deus aos eleitos, então, apostar na existência de Deus é uma graça divina.

* Andrei Venturini Martins é Doutor pela PUC-SP. E-mail: dreivm@hotmail.com.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia*: Tradução Ecumênica (TEB). Edições Loyola: 1994.

GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal*: conversão e apologética. trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus, 2006.

GOLDMANN, Lucien. *El Hombre y lo Absoluto*. Trad. J Ramón Capella “Le Dieu caché”. Barcelona: Ediciones Península, 1968.

GUILLAUMONT, Antoine. *Les sens des noms du coeur dans l’antiquité* In: Swami Addev ANANDA et al. *Le coeur*. Bélgica: Société Saint Augustin. 1950, p. 41-81.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?* 2ªed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

MESNARD, Jean. *Essai sur la signification des Écrits* In: PASCAL, Blaise. *Ouvres complètes*. Edição de Jean Mesnard. Paris: DDB, 1991, v. III, p. 593-641.

_____. *Les Pensées de Pascal*. Paris: Ed. Sedes, 1993.

_____. *Thème des trois orders dans l’organisation des Pensées* In: HELLER, Lane M. & RICHMOND, Ian M. (orgs). *Pascal : Thématique des Pensées*. Paris: J. Vrin, 1998, p. 29-55.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. Willian Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

MICHON, Hélène. *L’ordre du coeur: philosophie, théologie et mystique dans les Pensées de Pascal*. Paris: Editions Champion, 1996.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PASCAL, Blaise. *Ouvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963.

_____. *Lettre a M. et Mme Perier, A Clermont*: A l’occasion de la mort de M. Pascal le Père, décédé a Paris le 24 septembre 1651. Paris, du 17 octobre 1651 In: _____. *Ouvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 275-279.

_____. *Écrits sur la Grace* In: _____. Ouvres complètes. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 310-348.

_____. *Pensées* In: _____. Ouvres complètes. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 493-641.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

PONDÉ, Luiz Felipe. *O Homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001.

SELLIER, Philippe. *Pascal et saint Augustin*. Paris: Albin Michel, 1995.

SOARES, Afonso M. A. & VILHENA, Maria Angela. *O mal: como explicá-lo?* São Paulo: Paulus, 2003.

THIROUIN, Laurent. *Le hasard et les règles, le modele du jeu dans la pensée de Pascal*. Paris: J. Vrin, 1991.